



ESTA NOITE , ARRANQUE A MÁSCARA DA FACE E IMPROVISE.

LUIZ ARTHUR NUNES

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



NARRADOR : Dona Isabel Íbias, Senhora compreensiva, Mãe de família, trabalha no INPS. Interessada em horóscopo, ocultismo, I Ching e tarô. Equilíbrio delicado da casa. De vez em quando chora. Signo: gêmeos. verde-musgo. Tem uma filha que se mandou pra Europa.
Dr. Arines Íbias, Dentista moralista. Pai de família, Sedentário. Ventre. Não se conforma com o fato da sua filha Suzana às vezes passar a noite fora de casa. É muito gentil com os clientes.
Suzana Saldanha Íbias, Hippie ou magrinha. Espanta os pais com os seus amigos cabeludos. E realmente os apavora quando diz que "tá noutra". Desconfia dos mais velhos por princípio. Acha um saco o lar e a escola.

- ARINES : (voltando de carro para casa) Foi um bom dia de trabalho hoje.
- SUZANA : (conversando com uma amiga) Sabe, Soninha, a barra tá cada vez pesando mais lá em casa.
- ISABEL : (escrevendo uma carta) Querida Sílvia, resolvi te escrever mesmo sem esperar a tua resposta porque estou com muitas saudades tuas.
- SUZANA : Sei lá, eu não tenho mais saco pra agüentar os coroas. Eu passo o dia ou trancada no meu quarto ou então na rua.
- ISABEL : Como é que vão as coisas aí em Estocolmo? Não está fazendo muito-frio?
- ARINES : Agora vou chegar em casa, tomar um bom banho, jantar e sentar calmamente pra ver televisão.
- SUZANA : Não, não é que eles se metam demais na minha vida. Eles não me proibem quase nada. Mas estão sempre dando indiretas. O velho, então!
- ARINES : Espero que hoje a Suzana fique em casa de noite. Eu não acho certo uma menina de 16 anos andando pela rua tarde da noite.
- ISABEL : Aqui , tudo na mesma. A Suzana está cada vez mais impossível. Não para em casa nunca. Vai dormir na casa das colegas. E tu sabes que o teu pai não gosta disso.
- ARINES : E aqueles amigos dela, cabeludos, com cara de sujos...
- ISABEL : A minha esperança é a televisão a cores. Pode ser que, com a novidade, ela pare um pouco mais em casa.
- ARINES : E esta história de dormir na casa de uma amiga de vez em quando, também não acho certo. No meu tempo, uma menina de 16 anos nunca sonhava em dormir fora de casa.
- SUZANA : E quando o pai vem com sermão pro meu lado eu me ouriço toda e saio batendo as pernas, digo, portas. Não tenho saco, Soninha, não tenho saco.
- ARINES : A Suzana mal fala com a gente.
- ISABEL : Mas o teu pai está relutando em comprar. Diz que é luxo, que é muito caro, que é melhor esperar até que baixe o preço...
- ARINES : (em casa, a Isabel) Isabel, tu estás empre querendo uma coisa nova, nunca está satisfeita com o que tem.
- SUZANA : TV a cores, brrrrrrrrrrr!
- ARINES : Nós recém trocamos as cortinas da sala, e tu já queres fazer uma nova despesa.
- ISABEL : (em casa, a uma amiga) A sra. gostou, Dona Laura, das minhas cortinas novas? Agora eu quero ver se boto uma forração de chenille cor de mel. Quero comprar também um carrinho desses de servir as coisas. Faz falta, não é?
- SUZANA : (no gabinete de orientação educacional) Eu queria saber por que é que a sra. me mandou chamar aqui no gabinete de orientação educacional.



- ARINES : E além disso eu vou ter de comprar uma broca nova pro consultório porque a minha já está muito gasta.
- SUZANA : Não fui eu que estourei a bombinha dentro da aula.
- ISABEL : Eu adoro trocar as coisas. Eu acho que a gente tem de se atualizar sempre, a sra. não acha, Dona Maura? Eu quero ver se convenco o Arines a trocar o carro. O fuca dele já está tão usadinho. Eu ouvi dizer que lançaram um modelo esporte chamado Maverick. Diz que é fora de série.
- ARINES : E a sua forração de chenille e a TV a cores vão ter que esperar.
- ISABEL : Mas tudo isso eu preciso levar com jeitinho. O Arines no fim faz tudo o que eu quero. Mas tem que ser com jeitinho.
- SUZANA : Eu sei quem foi que atirou a bombinha. Mas não vou dizer.
- ARINES : Você termina me irritando com essa sua mania de querer sempre mais coisas, sempre mais coisas, nunca está satisfeita com o que tem. - Pensa que eu sou milionário?
- ISABEL : (no confessional) Padre, eu acho que o meu único pecado é ser um pouquinho ambiciosa. Mas eu acho normal querer ter mais conforto pra gente e pra família da gente. O sr. não acha, padre?
- SUZANA : Olha, e quer saber do que mais? Eu odeio esse colégio, entendeu? - Ódio! Vocês todos me torram o saco!
- ISABEL : Outra coisa, padre. No meu ginecologista tem umas mulheres mais ricas do que eu que vivem arrotando grandeza nas conversas da sala de espera. E de vez em quando, padre, me dá uma raiva delas, mas uma raiva tão grande que eu fico com vontade de matar todas elas. E depois eu me arrependo, fico me achando invejosa, rancorosa...
- SUZANA : Eu só não saio daqui por causa da turma que é muito legal.
- ARINES : Eu não trabalho mais porque não quero. 8 horas por dia é o suficiente. Eu ganho bem e nunca faltou nada pra vocês.
- SUZANA : Então o cara de Desenho, eu não suporto, tá legal? Não gntento! A aula dele eu bagunço sim. Esculhambo pra ralar! Porque eu odeio Desenho, eu odeio ele, eu odeio tudo isso aqui.
- ARINES : (no consultório) Já chegou algum cliente, Dona Sônia?
- ISABEL : (no trabalho) Zuleika, me passa a horrracha que eu errei um negócio aqui.
- ARINES : Ah, aquela Dona Elisa Falcão tem nova marcada hoje?
- ISABEL : Sabe, Zuleika, quando eu estou trabalhando aqui no INPS com vocês, eu me sinto tão tranqüila, o tempo passa tão depressa, a gente se distrai tanto...
- ARINES : Essa D. Elisa é uma mulher muito engraçada. Fala pelos cotovelos. - Eu não posso nem chegar perto que ela começa a vir e a tremer. Diz que é de nervosa.
- ISABEL : A gente conversa, ri, e mesmo quando tem muito serviço, tu pensa que eu presto atenção no que eu estou datilografando? Nem sei o que é que é. Fico pensando, imaginando...
- SUZANA : (para a psicóloga do colégio) Eu vim do gabinete de Orientação Educacional e me mandaram aqui falar com a sra. A sra. que é a psicóloga, n'ê?
- ISABEL : O que é que eu penso? Ah, numa porção de coisas. Agora, por exemplo, eu estava pensando no horóscopo eletrônico que eu mandei fazer pra mim.
- ARINES : Essa D. Elisa vive se queixando do marido, que passa o dia envolvido com rádio-amadorismo e nem liga pra ela.
- SUZANA : É os meus coreas são legais. Só que eles torram de vez em quando.
- ARINES : É feito com computador. Um negócio super moderno.

SUZANA : Não, eu não tenho namorado. Eu transe com os caras assim.

ARINES : Mas não pode ser: uma mulher daquela idade, casada, mãe de filhos, não ia se dar ao desfrute...

SUZANA : ~~Aí era, quer saber se eu trepei? Não, eu ainda não trepei.~~

ISABEL : Neste horóscopo eletrônico dizia assim : os seus desejos mais altos e baixos que eu quero ter um dia.

SUZANA : ~~Não trepei~~ até agora porque ainda não pintou o lance.

ARINES : E além disso eu respeito muitíssimo as minhas cientes.

SUZANA : Mas não fique pensando que eu tenho grilo de sexo, porque eu não tenho. ~~Se eu não trepei~~ porque não pintou ainda um cara assim mesmo, que valésse a pena. Sei lá, não pintou o lance.

ISABEL : Lá no Alto Petrópolis. Ou então na Av. Ganço...

SUZANA : Até agora eu só fiquei no ~~trampo~~

ARINES : (para si) Eu respeito muito a minha mulher.

ISABEL : (para si) Como eu seria feliz!

SUZANA : (para si) Quando será que vai pintar o meu lance?

ARINES : Ela é uma mulher decente.

ISABEL : Eu sou um pouco feliz.

ARINES : Eu sou muito feliz com ela. A gente mantém relações uma vez cada duas ou três semanas.

ISABEL : Eu não me queixo. Deus que me perdoe! Estou satisfeita com o que eu tenho. Eu sei que tem gente que não tem nem a terça parte do que eu tenho.

SUZANA : Eu só estou esperando que pinte o meu lance. ~~Aí eu vou responder~~. Que nem a Silvia, que se mandou pra Europa com o cara dela e os velhos juram que ela tá estudando com bolsa e tudo!

ARINES : A gente não é mais broto, não é?

ISABEL : Mas tem gente que tem muito mais.

ARINES : E depois, a Isabel às vezes não está muita disposta. Ela sofre de enxaqueca.

ISABEL : Eu acho que todo o mundo devia ter dinheiro.

SUZANA : Mas o meu lance vai ser muito mais legal que o da Silvia. Muito mais pirado.

ARINES : Outras vezes ela bota uns cremes na cara. ~~Aí não dá.~~

ISABEL : Dinheiro devia ser uma coisa natural na vida da gente.

SUZANA : Qualquer dia desses eu me chapo pra valer, jogo uma pedra em cima e aí então...

ISABEL : Dinheiro é uma coisa essencial.

ARINES : Eu não vou dizer que eu não me incomodo.

SUZANA : E aí então eu vou voar, voar...

ISABEL : Dinheiro é a solução pra tudo.

ARINES : Mas às vezes eu preferia que a minha mulher não fosse tão bonita de dia e fosse mais bonita de noite.

ISABEL : Eu gosto da vida social.

SUZANA : Vear como uma borboleta...

ARINES : Claro que sou eu sempre quem procuro; a minha mulher é uma mulher decente.



COM CORTES

COM CORTES



- SUZANA : Uma borboleta bem colorida...
- ARINES : É ela sempre corresponde. A gente precisa. É uma necessidade física.
- ISABEL : Eu gosto de me vestir bem, de me arrumar.
- ARINES : Também, eu nunca inventei nada de diferente na cama. Quero o que é normal e pronto.
- SUZANA : Um desses musicais, com catrefas de gente dançando e cantando, -
plumas, balões, cascata, digo, cascata e escadarias.
- ISABEL : Quando eu me casei, sr mulher de dentista e a outra coisa.
- SUZANA : É eu, gloriosa, de borboleta, voando...
- ARINES : Nunca procurei outra mulher. Nem prostituta.
- ISABEL : Por que será que a vida mudou e os dentistas ficaram?
- ARINES : Eu reconheço de longe a mulher que fuma.
- SUZANA : Dançando, voando, cantando...
- ISABEL : Minha família é o seguinte: meu marido e 2 filhas.
- SUZANA : E depois morrer...
- ISABEL : Eu acho que, se a gente freqüente, digo, freqüentasse ambientes melhores, a Suzana melhorava.
- SUZANA : Voar como uma borboleta...
- ISABEL : São as más companhias.
- SUZANA : E depois morrer... (continua cantando)
- ARINES : Não tenho problema de dinheiro.
- ISABEL : Eu odeio Tramandaí.
- ARINES : Eu não me envolvo com política.
- ISABEL : Eu odeio Tramandaí.
- ARINES : Eu sou muito equilibrado, Não preciso de psiquiatra.
- ISABEL : Eu odeio Tramandaí.
- ARINES : Eu sou muito equilibrado.
- ISABEL : Eu odeio Tramandaí.
- ARINES : Eu sou muito equilibrado. etc.

O CAFÉ DA MANHÃ

- ISABEL : Bom dia.
- ARINES : Bom dia. Não chegou carta da Sílvia?
- ISABEL : Não, não chegou nada.
- ARINES : Ela está demorando pra escrever.
- ISABEL : Vai ver que ela está se instalando lá na Suécia e não tem tempo pra escrever.
- ARINES : Vem pros pais?
- ISABEL : Qualquer hora bate o carteiro aí.
- SUZANA : Oi, pessoal. Mãe, ligeiro que eu tou atressada e hoje tenho sabatina de Desenho.
- ARINES : E tu estás preparada?
- ISABEL : Arines, não esquece de me trazer hoje de noite os folhetos sobre a televisão colorida, que eu quero ver.



- ARINES : Não sei se eu vou ter tempo hoje de passar na loja. Hoje eu tenho aquela cliente complicada, a D.Elisa.
- SUZANA : Ih, aquela chata que dá em cima do sr.?
- ISABEL : Suzana!
- ARINES : Na diz absurdo, menina. O problema é que...
- ISABEL : Ela não é bem certa.
- ARINES : Vive se queixando do marido que é rádio-amador e não dá bola pra ela.
- ISABEL : Fala tanto que não deixa teu pai trabalhar direito e ele mat, - digo, se atrasa.
- SUZANA : (irônica) Ah, bom. Eu fiz mau juízo dela coitada.
- ARINES : Tu não me respondeste se estás preparada pra sabatina de Desenho.
- SUZANA : É oral. Mãe, a sra. vai ao centro hoje de tarde?
- ISABEL : Vou. Vou ao ginecologista.
- SUZANA : Dá pra tu dares uma olhadinha naquele tamanco da Kras que eu queria ganhar de aniversário?
- ISABEL : Dá sim.
- ARINES : Você vai ao médico?
- ISABEL : Infelizmente.
- SUZANA : Porque infelizmente?
- ISABEL : Porque eu vou ter que agüentar mais uma vez o esnobismo daquelas mulheres da sala de espera que só falam que o marido trocou o carro, que a filha foi pra Europa, que a piscina entupiu e não sei que mais.
- SUZANA : Quem manda a sra. freqüentar ginecologista da sociy, dlgo, society?
- ARINES : Mas tu ainda não responde^{te} à minha pergunta.
- SUZANA : Que pergunta?
- ARINES : Se estás preparada pra sabatina de Desenho.
- SUZANA : 10 pras 8. Eu tenho que me mandar. Tchau, coroa.
- ISABEL : Mas termine de beber o café minha filha.
- SUZANA : Estou atrasada. Tchau.
- ARINES : Que menina impossível. Bom, eu também já vou indo. Tchau, Isabel.
- ISABEL : Até logo. Não esquece do...
- ARINES : Já sei. Vou ver se dá.
- ISABEL : Tchau.

CENA DE SUZANA

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- SUZANA : (cantando):
Eu já li todo o Tesouro.
O Tesouro da Juventude eu já li.
E aprendi a infinitude
Das paralelas e regras (aprendi) e porquês.
Mas do que eu quero, do que eu quero aprender,
Pra ser feliz, o que eu quero, é, eu quero
Voar como um passarinho,
De manhã bem cedinho.

TODOS : (borborinho)

PROFESSOR : Bom dia. Vamos sentar e calar a boca, que eu vou fazer a chamada. Aramis Peres Buzetti, Aida Laís Gonzaratti, Ana Regina Rufino, D. Suzana e D.Sônia, eu já falei que era pra sentar e calar a boca. Carlos Roberto Chaves. Isabela Veiga Sá.

ISABELA : Presente, professor.

PROFESSOR : Tudo bem, D.Isabela?

ISABELA : Tudo bem, professor. E o sr.?

PROFESSOR : Aproveitou bem a sua viagem à Europa?

ISABELA : Tava genial, professor. O sr. quer ver os cartões postais que eu trouxe? Eu vou lhe mostrar.

SÔNIA E SUZANA: Ai, ai, ai.

PROFESSOR : Silêncio, vocês aí. Depois a sra. me mostra, D.Isabela. Espero que a sra. consiga recuperar a matéria que perdeu.

ISABELA : Eu já copieei tudo dos cadernos das gurias, professor.

SONIA : Eu já copieei tudo do caderno das gurias, professor.

PROFESSOR : Eu já não mandei fazer silêncio? Será que eu vou ter que repetir? Bom. Vou continuar a chamada, José Aírton Michelin. - (assobio) Olha, assim é impossível fazer a chamada, gente. - Vão todos pro lugar. E fiquem quietos. Não quero ouvir nem um pio.

SONIA : O sr. não me chamou, professor.

PROFESSOR : Não, não chamei ainda. E por favor, não venha ficando os cotovelos na minha mesa que eu não gosto.

SONIA : Mas é que o sr. não me chamou.

PROFESSOR : Já disse que não chamei ainda. Não tem paciência de esperar a sua vez? Quer ir sentar no seu lugar? Como moça, sim?

SONIA : Essas cadeiras estão tão raladas que qualquer dia a gente cai sentada no chão.

PROFESSOR : Também, do jeito que vocês sentam, não é de admirar que as cadeiras estejam est, digo, estragadas. Márcia Rego. Suzana. Saldanha Íbias.

SUZANA : Eui!

PROFESSOR : Responda direito, faz favor. Se existe uma convenção para responder à chamada, use essa convenção, D.Suzana.

SUZANA : Presente, professor.

PROFESSOR : Massako Matsumura. Massako!

ISABELA : Não veio, professor. A avó dela morreu, o sr. não sabia?

PROFESSOR : Não, não sabia. Obrigado, D.Isabela.

ISABELA : De nada, professor.

SUZANA E SONIA : Puxa, puxa, pan, pan, pan!

PROFESSOR : Vamos calar definitivamente a boca ou eu suspendo a sabatina e dou zero pra todo o mundo. (Assobio) Eu detesto esse assobio. Quem é que assobia sempre cada vez que eu termino uma frase? (Silêncio) Aracy Marone. Magda Magali Oliveira-Teufel. D.Suzana, D.Sônia, se o assunto da conversa está muito interessante, as sras. podem terminar lá fora. Entenderam?

SUZANA : Tá legal, professor. Falou.

SONIA : Professor, o sr. não me chamou.

PROFESSOR : Bom, com essa balbúrdia toda eu devo ter saltado o seu nome.

ISABELA : Soninha, Duro.

PROFESSOR : A sra. não costuma na minha chamada simplesmente.





PROFESSOR : Bom, com essa balbúrdia toda, eu devo ter saltado o seu nome.

ISABELA : Soninha Duro.

PROFESSOR : A sra. não consta na lista simplesmente.

SONIA : Mas como, professor?

PROFESSOR : Não, por favor, não se debruce em cima da minha mesa. Faça o favor. Volte pro seu lugar.

SUZANA : Professor, ela fez a matrícula junto comigo, ela tem que estar na chamada.

PROFESSOR : O caso é que me deram o caderno novo de chamada hoje e o nome da D.Sônia não consta na lista. O que é que eu posso fazer?

SÔNIA : Eu vou lá na secretaria, professor.

SUZANA : Eu vou com ela, professor.

PROFESSOR : Não sras. Absolutamente. Pensam que estão na casa de vocês, que entram e saem como bem entendem ? Podem ficar as duas no lugar.

SONIA : Eu acho que isso assim não tá certo, professor. Eu quero ir na secretaria ver esse negócio.

PROFESSOR : Pois não, tenha a bondade. A sra. pode sair. Pode ir até ao gabinete da diretora, se quiser. Mas então saia e não me apareça de volta nas minhas aulas nos próximos 15 dias.

SUZANA : Pô, professor, que mau caratismo.

SONIA : Professor, podia me explicar o seu critério de avaliação?

PROFESSOR : Olhe aqui, D.Sônia; se a sra. quiser saber os meus critérios de avaliação, dirija-se ao gabinete de Coordenação Pedagógica. Está? E agora vamos encerrar esse assunto, que eu não vim aqui

SUZANA : Professor!

PROFESSOR : A sra. quer fazer o favor de sentar como uma moça decente, D.-Suzana?

SUZANA : Eu quero falar um negócio, professor.

PROFESSOR : Sente como uma moça, antes. Pronto. Pode falar agora.

SUZANA : Professor, é o seguinte: é que eu não acho direito a Soninha não-fazer parte da chamada. Pô, ela fez a matrícula comigo. Pô, eu não acho direito. Depois o sr. não dá nota e não dá presença pra ela.

SONIA : O sr. não vai saber se eu vim ou não vim à aula.

SUZANA : Pô, é um negócio tri xarope isso. Eu não acho direito. E depois tem aquele bagulho que só pode ter 25% de faltas.

PROFESSOR : D. Suzana, a sra em vez de se preocupar com as faltas da sua colega, devia se preocupar com as suas faltas, que por sinal quase que já atingiram os 25%. E isso que nós estamos em setembro.

SONIA : Mas é meu caso, como é que fica?

PROFESSOR : A sra. vai ter a fineza de esperar sentada no seu lugar até que termine a aula. Depois de terminada a aula, eu mesmo vou à secretaria e conserto o engano. Com certeza eles pularam o seu nome. Qualquer dia eles pulam pra sempre.

SONIA : O que é que o sr. tá querendo dizer com isso?

ARINES : Eu? Nada! Eu? Nada!

SONIA : Claro que tá.

PROFESSOR : Eu? Nada! Não estou dizendo nada. E chega de perder tempo. Já perdemos 15 minutos com essa história da chamada. Será possível que a gente não vai conseguir nunca começar a aula na hora? Sempre essa batalha ! Por isso que a matéria está atrasada.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



-8-

da. Bem, vocês fizeram o trabalho que eu pedi?

ISABELA : Eu fiz, professor. Olha aqui. As gurias me disseram que tinha que entregar hoje e eu fiz.

PROFESSOR : Ótimo, D. Isabela. Está bem ilustrado! Espero que o conteúdo também esteja bom. D. Sônia e D. Suzana, fizeram o trabalho ?

SUZANA : Professor, eu fiz o trabalho junto com a Soninha.

SÔNIA : É que a gente está acostumado a trabalhar sempre em grupo.

PROFESSOR : Eu disse que o trabalho era individual. Eu sou brasileiro, e acho que eu falo um português bem claro. O trabalho é individual!

SONIA : É que desde o início do ano a gente trabalha só em grupo.

PROFESSOR : Bom, para encerrar o assunto: trabalho individual e pronto. Mas se vocês fizeram em grupo, está bem : eu aceito o trabalho. Só que a nota vai ser dividida. Cada uma vai receber a metade.

SUZANA : Pô, professor, que mau caratismo!

SONIA : Professor, podia me explicar o seu critério de avaliação?

PROFESSOR : Olhe aqui, D. Sônia, se a sra. quiser saber os meus critérios de avaliação, dirija-se ao gabinete de Coordenação Pedagógica, está? E agora vamos encerrar esse assunto, que eu não vim aqui pra discutir o critério de avaliação com vocês..

SONIA e SUZANA : Mas isso não é justo. Que sacanagem ! Não é direito!

PROFESSOR : Chega! Não quero ouvir nem mais uma palavra! Eu não admito que venham dizer a mim o que eu devo ou não devo fazer nas minhas aulas! Aqui quem decide o que é justo ou injusto sou eu! E se a sras. não estiverem satisfeitas, D. Sônia e D. Suzana, podem sair e ir se queixar para a diretora da escola. (Pausa) E agora fechem os livros e cadernos que a sabatina oral vai começar. Vamos lá, D. Sônia. Croquis: o que é um croquis? Feche o caderno, D. Sônia. A sra. é petulante. Eu não falei para fechar o caderno? Muito bem. O que é um croquis?

SONIA : Croquis é um desenho feito à mão livre, sem medida nenhuma.

PROFESSOR : Isso. Sem medida estipulada.

SONIA : Tem de dizer assim como o sr. falou? Sem medida estipulada?

PROFESSOR : É mais correto. Agora a D. Isabela. Escala, o que é escala?

ISABELA : Escala é aquelas medidas que diminuem e aumentam a coisa, n'ê?

PROFESSOR : Que coisa?

ISABELA : Uma coisa, um objeto. Por exemplo, a borboleta que a gente desenhou na outra aula.

PROFESSOR : A sra. pegou o pior exemplo possível. Em vez de pegar assim - uma caixa, uma mesa, uma cadeira. Pegar logo uma borboleta - como exemplo. E além disso as respostas de vocês são extremamente imprecisas.

SONIA : Professor, o sr. quer que a gente decore a regra assim como o sr. deu?

PROFESSOR : Se não encontrarem uma maneira melhor de formular as coisas, é até preferível que decorem.

SONIA : (Resmungando) Isso é antididático.

PROFESSOR : Vamos adiante. D. Sônia, diga-me : qual é a utilidade de se fazer um croquis antes do projeto?

SONIA : Bom, acontece o seguinte: quando a gente vai fazer um projeto, a



gente tem a idéia, a idéia da gente. E a gente faz o croqui pra representar a idéia que tá na cuca da gente.

SUZANA : (Cantando) Voar como uma borboleta e depois morrer.

ISABELA : É a representação gráfica da idéia.

PROFESSOR : Excelente, D. Isabel. Pela primeira vez uma resposta vasada em linguagem acadêmica. Continue a sra., então. E depois de feito o croquis, ou a representação gráfica da idéia, o que é que se faz?

ISABELA : Depois, depois, a gente...

PROFESSOR : A gente o quê?

ISABELA : A gente desenha o croquis.

PROFESSOR : O croquis já está desenhado, D. Isabel. Estou vendo que o seu cabedal parou aí. Vamos ver a D. Suzana. D. Suzana, D. Suzana! Assim é demais, D. Suzana! Eu falo pra sra. e é como se eu falasse pras paredes. A sra. está sempre longe, em outras esferas, completamente alienada, desligada, parece que a sra. nem é minha aluna. Me diga uma coisa: o que é que a sra. espera da vida? O que é que a sra. pretende com essa idade que a sra. tem? Não tem uma atitude de moça, não tem uma atitude decente, eu acho que a sra. deve ser uma delusão pros seus pais. Se aqui na aula a sra. se porta assim, como será que a sra. se porta em casa? Como é que a sra. se porta nas outras situações da vida? Tire o cabelo do rosto faz favor. Olhe pra mim.

SONIA : Pô, professor!

PROFESSOR : D. Sônia, eu não falei com a sra. Quando eu quiser saber a sua opinião, eu pergunto. E de mais a mais eu não acredito que a sua opinião: valha grande coisa, dado que a sra. também não é das alunas mais exemplares. D. Suzana (estala os dedos) D. Suzana! Já desligou de novo? Ah, meu Deus, que luta! D. Suzana, tente se comportar como gente pelo menos por alguns minutos e responda-me: dentro da unidade que nós estamos estudando sobre projeto, croquis e escala, qual foi o aspecto que mais lhe chamou a atenção.

SUZANA : Pô, eu me liguei na borboleta.

PROFESSOR : A sra. o quê?

SUZANA : Eu... gostei da borboleta.

PROFESSOR : Borboleta? Por que borboleta? Vocês estão com idéia fixa? A borboleta foi um exemplo que vocês mesmos deram de objeto a ser ampliado ou diminuído por meio da escala. É um péssimo exemplo, por sinal. Qualquer objeto, entendeu, qual quer objeto pode ser aumentado ou diminuído no desenho através de quê?

SUZANA : Da régua?

PROFESSOR : Como? Através de que sistema?

SUZANA : Escala?

PROFESSOR : E como é que funciona o sistema da escala?

SUZANA : Eu não me lembro. Eu só me lembro da borboleta que a gente desenhou e eu achei super legal. Agora mesmo eu tava encucando...

PROFESSOR : D. Suzana, a sra. trabalha de noite por acaso?

SUZANA : Não, sr., professor.

PROFESSOR : Então qual é o problema, se a sra. tem um pai e uma mãe que trabalham pra sustentar o seu estudo? E a sra. fica aqui ocupando uma vaga, uma carteira, quando tem tanta gente aí sem escola! A sra. é uma privilegiada e devia dar graças a

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



a Deus todos os dias por essa oportunidade que tem de estudar num bom colégio, de aprender, de se preparar para o futuro, e em vez disso fica aí aplastada numa cadeira, com o olho branco, completamente ausente. A sra. não acha que eu tenho razão, D. Suzana?

SUZANA : Acho, professor. Acho que o sr., o meu pai, a direção do colégio, a psicóloga, todo o mundo tem toda a razão. Mas é isso aí. Eu não sei o que que é. Não adianta. Eu acho que eu sou assim - e não adianta insistir que eu não vou mudar nunca.

PROFESSOR : Está bem, gente. Vocês conseguiram fazer o professor de vocês sair pior do que entrou. Está bem. Vejo que não adianta - realmente. Com vocês o negócio tem que ser na base da violência mesmo. Encerramos por aqui. Para a próxima aula, verificação escrita de todo o conteúdo do bimestre. E sem chance de recuperação. Um bom dia pra todos

TODAS : Isso não é justo, não é direito! Que sacanagem!

CENA DE ARINES

ARINES (cantando) Sou homem ventripotente
Em casa ou no consultório
Ou sentado na patente,
Gosto de ler meu Correio.
Abomino Sílvio Santos,
Gosto de Flávio, não nego,
Sei o que é belo e o que é feio.
O bom e o mau eu distingo.
Só sou feliz no domingo.

D. SONIA : Dr. Arines, D. Elisa.

ARINES : Ah, sim. Mande entrar, D. Sônia.

ELISA : Com licença. Tudo bom, dr. Arines?

ARINES : Tudo bom, e pra sra. D. Elisa ?

ELISA : Tudo bem, obrigada.

ARINES : Incomodou o dente?

ELISA : Não sr. nada nada. O sr. realmente tem mãos de fada.

ARINES : Que bom. Tenha a bondade de sentar.

ELISA : Com licença.

ARINES : Isto. Assim. Recoste a cabeça aqui. Pronto. Está bem confortável?

ELISA : Hum hum.

ARINES : Ótimo. D. Sônia, por favor, o guardanapo.

D. SÔNIA : Pronto.

ARINES : Como é, muita coragem hoje?

ELISA : Um pouquinho. Não fale assim muita coragem, que eu já perco um pouco.

ARINES : Que nada,

D. SÔNIA : Dr. Arines, se o sr. não precisa mais de mim...

ARINES : Não, D. Sônia, muito obrigado.

ELISA : Até já, D. Sônia. Da próxima vez eu lhe trago aquelas florzinhas que eu lhe prometi.

ARINES : Muito bem. Desencoste a cabeça um pouquinho, D. Elisa. O que foi?



-11-

- ELISA : Nada, não. Desculpe. O sr. tem a mão tão quente que até me deu arrepio.
- ARINES : Mesmo? Eu devo estar suando nas mãos. Eu sou muito nas mãos. Eu vou lavar as mãos. Com sua licença.
- ELISA : Pois não. Eu tenho sempre a mão fria. Quer ver?
- ARINES : Não, é verdade. Bom, bom. Só vou localizar um dos seus dentinhos que têm de ser obturados. Está? Agora eu vou pedir pra sra. abrir bem a boca. (Ela ri) Já começou, D. Elisa? Por favor, D. Elisa. A sra., de preferência, fique séria, quieta e coopere comigo. Está? Porque se não, assim eu não posso fazer a obturação.
- ELISA : Desculpe, digo, desculpe. É que eu sou muito nervosa. É quando eu fico nervosa eu começo logo a rir. Não tem ninguém depois de mim, né?
- ARINES : Não. A sra. é a última cliente.
- ELISA : Ah, está. Não, é porque se eu soubesse que tinha gente esperando, eu ia ficar mais nervosa ainda.
- ARINES : Não se preocupe, não vai vir mais ninguém. E eu estou à sua inteira disposição, o tempo que a sra. quiser.
- ELISA : O tempo que eu quiser, Dr. Arines?
- ARINES : (Desconcertado) Bem, quer dizer : a sua consulta vai até as 6 horas.
- ELISA : (Desapontada) Ah, bem.
- ARINES : (Concertando) Mas se tiver que passar um pouquinho além das 6h, a sra. não se preocupe, fique tranquila que não há problema quanto a isso.
- ELISA : Muito obrigada, dr. Arines. O sr. é tão gentil, tão distinto, um verdadeiro "gentleman", como se diz.
- ARINES : É? obrigado, D. Elisa, a sra. é que é gentil.
- ELISA : Mas a sua sra. e a sua filha não vão se preocupar se chegar tarde em casa?
- ARINES : Oh, não. A minha filha chega sempre depois de mim. Ela está sempre na rua aquela menina. E a minha mulher sabe que de vez em quando eu me atraso um pouco. Às vezes eu vou tomar um chopp com um amigo...
- ELISA : E depois é um atraso pequeno, não é, dr. Arines? Se fosse um atraso grande, garanto que ela ia ficar desesperada, não é? O sr. deve ser um marido tão bom, dr. Arines!
- ARINES : Bem, eu não sei ... Eu acho que sim... Eu nunca...
- ELISA : Não, eu digo isso porque o meu marido, se eu soubesse e chegasse em casa de madrugada, ele nem ia perceber. Sempre enfiado naquele quartinho. Eu já lhe disse, né? O meu marido é radio-amador. E enquanto está em casa, ele não larga um instante aquelas porcaria daqueles aparelhos. Às vezes eu, digo, eu chego a levar a comida pra ele no quartinho. Tem dias que ele nem vê os filhos.
- ARINES : É, D. Elisa? Que interessante. É hobby, não é?
- ELISA : Hobby coisa nenhuma! Mania de louco, isso sim! O sr. sabe que fim de semana eu fico socada em casa os dias inteiros. Ele não me leva nunca a um cinema ou assim pra jantar fora de vez em quando. Ah, dr. Arines, às vezes eu me sinto tão sozinha...
- ARINES : (Constrangido) Bem, vamos voltar aos seus dentes, está? Abra a boca, por favor. Com licença. (Ela ri) D. Elisa, por favor, controle-se.
- ELISA : (Séria) Desculpe.



- ARINES : Não, não foi nada. É qye, digo, que assim não vou poder obter o seu dente. Quem sabe se a sra. procura se concentrar e pensar numa coisa bem triste. Ai a sra. não ri mais e eu posso mexer nos seus dentes sem problema.
- ELISA : Numa coisa triste ? Ah, então é a minha vida. Eu, quando penso na minha vida, começo a chorar. (Ri)
- ARINES : D,Elisa, D,Elisa, eu não vou lhe judiar. Eu estou aqui justamente pra lhe ajudar.
- ELISA : É que eu tenho medo, eu sou nervosa.
- ARINES : Eu sei, dá pra notar, mas, por favor, coopere. (Vai examinar de novo, Elisa foge com a cabeça)O que é?
- ELISA : É que eu estou com vontade de espirrar.
- ARINES : Espirre, então, D,Elisa.
- ELISA : Passou.
- ARINES : Vamos ver então.
- ELISA : Mas como o seu olho é, digo, está azul, hoje !
- ARINES : Me parece, D,Elisa, que a sra. está querendo fugir do motivo principal que a trouxe aqui, que é o seu tratamento.
- ELISA : É que eu já lhe disse. Eu sou muito nervosa. O sr. hoje não está com muita paciência.
- ARINES : Estou sim, D,Elisa.
- ELISA : Não está,não.
- ARINES : Não diga isso, D,Elisa, que esperança. Eu tenho toda a paciência do mundo.
- ELISA : É que eu já lhe disse. Eu sou muito nervosa. Quem sabe, antes de começar a obturação, a gente conversa um pouquinho. Só pra eu me acalmar, pra gente se conhecer melhor. Assim, pra eu ter mais confiança no sr. Com jeitinho, Dr. Arines, o sr. consegue tudo de mim. Se bem que eu já tenho confiança no sr. Bem que a Nair, aquela minha amiga que me mandou aqui, lembra? bem que ela dizia : o dr. Arines é um homem tão competente, tão simpático, tão educado, tão ... atraente ... É, foi a palavra que ela usou : atraente.
- ARINES : (Tartamudo)Atraente... eu?
- ELISA : (Disfarçando) Esse guardanapo está me apertando o pescoço. Estou quase sufocando.
- ARINES : Mas ele está frouxo... Bom, a sra. prefere ficar sem ? Eu tiro, então. Com licença.(Ela ri)
- ELISA : Ah, o sr. me faz cócegas, dr. Arines.
- ARINES : Tire a sra. mesma, então, D,Elisa.
- ELISA : O sr. nunca teve uma cliente nervosa assim?
- ARINES : Bem, eu já tive -- e tenho -- muitas clientes nervosas. Mas, sinceramente, eu vou lhe confessar : nervosa assim, que externa o nervosismo assim...
- ELISA : Igual a mim...
- ARINES : É, dev, digo, desta maneira, eu nunca tive.
- ELISA : Pois é, o meu marido sempre diz : mulher igual a mim não existe. (Ri) Não existe mesmo. Pra aturar um homem daqueles, a gente tem de ser santa!
- ARINES : (Silêncio) Como é, D,Elisa? Está melhor, já se acalmou?
- ELISA : Um pouquinho.
- ARINES : Então vamos tentar mais uma vez?
- ELISA : Vamos.



- ARINES : (Preparando-se. Elisa olha para seu pé) O que é, hein ?
- ELISA : É que eu gosto do verde da sua meia. Eu gosto muito desse tom de verde.
- ARINES : Obrigade. Então, vamos lá, abra a boca, D. Elisa, faz favor.
- ELISA : Que bonito o seu relógio!
- ARINES : Obrigado. Abra a boca, D. Elisa, por favor.
- ELISA : Ai, o sr. tem uma mão tão grande, que quando o sr. chega perto, eu fico tremendo.
- ARINES : D. Elisa, abra a boca, pelo amor de Deus. (Elisa ri e geme enquanto Arines mexe na sua boca. Desesperançado) Assim não dá. Eu vou ter que lavar as minhas mãos de novo.
- ELISA : (Maliciosa) O sr. está nervoso, dr. Arines?
- ARINES : Não, é que eu transpiro muito nas mãos, eu já lhe disse. (Sentando-se, desconsolado) Quer dizer que o seu marido se dedica ao rádio-amadorismo, D. Elisa?
- ELISA : O sr. nem sabe, um inferno. O sr. sabe que horas, às vezes, ele vai se deitar? Às 3h da madrugada. Seguido eu nem vejo ele. Quando ele se deita eu já estou ferrada no sono. E quando ele se levanta pra ir trabalhar - ele é bancário, né? - eu ainda estou dormindo. Quer dizer que...
- ARINES : (Sem jeito) Sim, sim, compreendo.
- ELISA : O sr. sai muito de noite?
- ARINES : Não, eu não costume sair muito à noite. Às vezes eu saio com a minha esposa. A gente vai a um cinema, a um jantar na casa de amigos.
- ELISA : Ah, o sr. sai com a sua esposa! Era isso que eu queria: um marido assim. Bê, digo, bem igual ao sr. A sua mulher deve ser muito feliz com o sr., não é?
- ARINES : Hum, hum. (Pigarro, decidido) D. Elisa. Faltam 10 minutos para terminar a sua hora. Vamos ver. Abra a boca, por obséquio. (Ela geme) Mas eu ainda nem cheguei perto, D. Elisa. Vamos ver agora.
- ELISA : Ai, essa agulhinha me dá um friezinho!
- ARINES : Calma, D. Elisa. Não vai doer. É só um instantinho.
- ELISA : Ai, o sr. vai pôr a broca. É a broca nova, que o sr. disse que ia comprar?
- ARINES : Não, eu ainda não comprei a broca nova. Mas essa broca é boa ainda. Não vai doer nada. Procure relaxar.
- ELISA : Quando o sr. comprar a broca nova, vai ser um enxame nesse consultório. Se com a broca velha o sr. já é o que é...
- ARINES : Ela não está velha, D. Elisa. Está só usada. Mas D. Elisa, por caridade, vamos tentar mais uma vez. Concentre-se. Aliás, eu é que tenho que me concentrar. Deixe as mãos assim sobre o joelho. Repouse a cabeça. Fique olhando assim pro outro lado. Pode até, digo, abrir. Eu nem estou com a broca lá ainda. Concentre-se. Só um momentinho, não vai doer. (Elisa geme, ri, e grita) Calma, só mais um pouquinho. Um pouquinho de sacrifício. D. Elisa. Não dói nada. Pense em coisas alegres, pense nos seus filhos. Pronto, já está bem limpinho. Agora a massinha. (Arines trabalha febrilmente, Elisa lança um grito e geme) Pronto, pronto, agora sim. Viu como não era nada? Vamos agora lavar a boca. Cuspa. Ótimo. Agora descanse um pouquinho. Não, não fale nada. Feche os olhos. Descanse. Respire fundo. Isso. A sua obturação está, digo, está pronta. Foi uma obturação perfeita.
- ELISA : (Voz doce) Parece até que o sr. está me recitando um poema. O sr. é tão repousante. O sr. descansa a gente.

ARINES : Surfeando, D. Elisa. Agora que a Gra. já está recuperada, vai falar com a D. Sonia para marcar a sua próxima consulta. A gente vai fazer a outra obturação que falta e eu vou dar uma olhadinha no canal.



ELISA : (Embevecida) Hein?

ARINES : O canal, D. Elisa.

ELISA : Ah, o canal. É... (pausa)

ARINES : O que foi?

ELISA : Nada...

ARINES : Ah... Com licença. (Ajuda-a a levantar) Está bem, D. Elisa. Por hoje está.

ELISA : Até logo.

ARINES : Até a semana que vem. A sua bolsa...

ELISA : Eu sempre me esqueço da bolsa... (Sai)

ARINES : Adeus...

CENA DE ISABEL.

ISABEL : (Antesado) Sou esposa, sou mãe, tenho tudo
O que bem pode querer a mulher.
Sou feliz, sou rica, mas contudo,
Gostaria de ter muito mais.
Outra casa, outro carro, outra vida
Outra vida bem mais divertida
Que esta vida que a gente conquista
Cada mês com uma prestação.

SONECA : Isabel, querida, tudo bem?

ISABEL : Tudo bem, e você?

SONECA : Ótima, tens hora marcada?

ISABEL : Tenho.

SONECA : Pois é, eu não tenho, Mas como o Raul, pras íntimas ele dá sempre um jeitinho. eu resolvi arriscar. A enfermeira não está aí?

ISABEL : Não, está lá dentro, Mas acho que ela não demora. (pausa)

SONECA : E daí, como é que vão as coisas?

ISABEL : Bem, Recebi finalmente carta da Sílvia, lá da Suécia. Diz que está adormido.

SONECA : Que ótimo. Esses ares assim da Europa fazem bem à gente de vez em quando, Mas como agora não dá jeito de sair assim pra mais longe, e gente tem que se contentar com uma fugida a Buenos Aires de vez em quando. Na semana passada o Julinho, meu marido, tinha um congresso lá e eu aproveitei pra ir junto tomar uns banhos de loja. Comprei coisas de enlouquecer!

ISABEL : É! O que é que tu compraste?

SONECA : De tudo, filha, de tudo. Isso sem falar no que nós comemos. E os doces? Ah, eu quando estou com vontade de comer doce, eu só posso ir a Buenos Aires!

HELÔ : Soneca! Tudo bom?

SONECA : Helô! Tudo bom, querida, e você? Escuta, por que é que tu não foste à aula hoje?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



HELÔ : Você nem sabe, Soneca. Bati com o carro.

SONECA : O galaxie? Que glória!

HELÔ : Não, ainda bem que foi o fuca da minha filha.

SONECA : Ah, é ainda mais glorioso!

HELÔ : Amanhã ela vai a pé pra faculdade. Não quero nem saber. Deixei o carro no meio da rua. Chamei o Touring e me mandei pra cá - de taxi.

ISABEL : Eu posso saber de que aula é que vocês estão falando?

HELÔ : Ah, tu estás aí, Bela? Desculpe. Eu sou tão distraída que nem te vi. Aula? É a aula de tapeçaria com a Zoraya Bertioiga que eu e a Soneca estamos fazendo. Hoje a Zoraya ensinou os pontos tradicionais : Gobelin, Rayole, Ponto Arroz...

ISABEL : Deve ser interessante.

SONECA : Ah, deve, digo, é uma curtidão, minha filha. Por que é que tu não fazes também?

ISABEL : É que eu já estou fazendo um curso de xilogravura.

SONECA e HELÔ : Xilogravura?

SONECA : Ah, eu fiz há tanto tempo o curso de xilô...

HELÔ : Xilogravura já era, mesmo. Mas escuta, Soneca, como tu estás jovial, hoje!

SONECA : Gostaste?

HELÔ : Adorei.

SONECA : Do sapato aos óculos é da minha filha. Cada coisa é um lugar. -- Da Índia, do Peru, de Paris...

HELÔ : Mas que coisa mais rara! Tu estás internacional hoje.

ISABEL : Ah, a minha filha também usa essas roupas assim. Olha, às vezes ela aparece lá em casa com cada roupa que eu nem sei de onde que ela tira.

SUSY : Bonacas, como vão vocês?

SONECA e HELÔ : Susy! Como é que estás?

SUSY : (Mostrando uma chave) Olha aqui a surpresa que eu ganhei do Jair!

SONECA : O que é isso, Susy?

SUSY : Um maverick, queridas!

SONECA : Não!

HELÔ : Mas que bobagem! Ah, depois que a gente sair do consultório, -- não vamos dar uma voltinha no seu maverick, não vamos?

SONECA : Ah, não tem desculpa.

SUSY : Claro, Vocês duas serão minhas convidadas de honra. (Percebendo Isabel) Isabel, querida, você estava aí? Eu estava tão distraída que nem te vi.

ISABEL : Parabéns pelo seu maverick.

HELÔ : É. Pelo seu maverick.

SUSY : Obrigada. O do teu marido já chegou, querida?

ISABEL : Não, não. Nós já encomendamos de S. Paulo. Mas ainda não chegou, não. O problema é a cor. O meu marido já me levou o mostruário. Mas eu não consigo me decidir. O que é que vocês acham de verde amazônia?

AS CUNHAS : Verde Amazônia? É, é.

SUSY - É, bonito.



- HELÔ : Escutem, filhas, vocês já se deram conta que nós já estamos em setembro? A primavera tá aí e a minha filha vai debutar. Eu já estou com brotoeja só de pensar na correria que vai dar.
- ISABEL : Vai debutar, a tua filha?
- HELÔ : Vai. A tua também?
- ISABEL : Não. Sabe que a minha filha não quis debutar. Não houve quem convencesse
- HELÔ : Ah, isso é normal. Hoje em dia elas não querem saber de debutar. A minha não queria de jeito nenhum.
- ISABEL : É isso mesmo. Sabe, o meu marido ficou meio chateado. Mas eu disse pra ele : é normal. É a época. É realmente normal. Quem bom que tu pensas assim.
- HELÔ : É. Com a minha foi uma luta. O Rui vivia lá em casa insistindo. Foi um custo convencer.
- ISABEL : Pois é. Mas a minha tem uma personalidade muito marcante. Não houve santo que convencesse ela.
- SONECA : Mas como é que tu convenceste a tua filha, Helô?
- HELÔ : Olha, quando eu quero que a minha filha faça uma coisa que eu quero, eu compro ela. Ela também tem uma personalidade marcante. Tão marcante que ela estava louca pra fazer uma viagem à Europa. Então eu disse: se tu debutares eu te dou a viagem. - E ela resolveu debutar.
- SONECA : E vai à Europa.
- ISABEL : Sozinha?
- HELÔ : Com uma amiga mais velha. É claro que nós temos amigos em toda parte, em Paris, na Alemanha. De maneira que eu fê, digo, fico tranqüila.
- SONECA : Mas falando em viagem, vocês já decidiram onde vão passar o verão? Olha que já está perto...
- SUZY : Pois é, minha filha, eu estou num dilema terrível. Já estou cansada de viagens longas. Eu queria um lugar tranqüilo, uma casa no campo. Um lugar pra pastar e tomar o meu whisky.
- ISABEL : Vocês conhecem Garopaba?
- SUZY : Garopaba ? Estou farta de Garopaba!
- SONECA : Ah, eu também! Não tenho mais saco.
- HELÔ : Aquilo lá decaiu muito. Agora nem dá mais pra se fazer pesca - submarina. A gente esbarra nas pessoas no fundo do mar. Então, depois que os hippies tomaram conta! Tu já foste em Garopaba, - Bela?
- ISABEL : Não, não fui ainda.
- HELÔ : Então nem vai, mais, filha. Quem não foi é melhor nem ir. É preferível ver televisão em casa.
- ISABEL : Ainda mais que agora é a cores, não é?
- SUZY : Eu, como detesto televisão! Não tenho paciência. Comprei TV a cores agora por comprar. Assim pra não dizerem que nem isso a gente não tem.
- SONECA : Eu também não tenho disposição.
- HELÔ : Televisão é pra velho, minha filha. E eu ainda me sinto "jeune fille".
- SUZY : E é, querida, e é.
- HELÔ : A nossa TV a cores quem vê é as crianças e as empregadas.



- ISABEL : É, é mais por causa da Suzana que nós vamos comprar.
- SUZY : Mas gente, e essa enfermeira que não aparece. Eu quero ver se o Raul me atende ligeirinho, que eu tenho ainda de ir a uma vernissage hoje. Quero ver se compro uma gravura pra botar em cima da lareira.
- HELO : Por isso que tu é, digo, estás assim tão chic, tão maravilhosa.
- SUZY : Bondade sua, querida. Mas eu tenho um senso de autocritica - muito apurado e estou me achando um lixo!
- BONECA : Mas o que é isso, boneca, tu estás um luxo! Tivesse eu esse - corpinho!
- SUZY : Nem diz isso. Seh, digo, seja sincera. Olha essa barriga.
- HELO : Mas que nada, Suzy. Tás vendendo charme aos baldes. Não acha, Isabel?
- ISABEL : Acho, acho.
- SUZY : Não, eu tenho espelho em casa. Preciso urgentemente de uma plástica. Aliás, eu vou fazer uma plástica. Se Deus quiser, em março do ano que vem.
- HELO : Com quem?
- SUZY : Com o Pitanga.
- ISABEL : A gente, com a idade, fica com muita tendência pra engordar. - Eu quero ver se o dr. Raul me muda a marca da pílula, porque - essa última que ele me receitou me fez engordar 4 kg.
- BONECA : Que horror!
- HELO : Qual é o seu problema, hein? É só esse?
- ISABEL : Não, bem... eu tenho problema de útero caído.
- SUZY : Ai, mas que pavor! A minha empregada também tinha isso.
- HELO : Isso é doença de empregada. A nossa lavadeira, de tanto carregar trouxa de roupa, ficou com isso.
- BONECA : Mas que tipo de sintoma você sente?
- SUZY : Você pode ficar grávida?
- HELO : Você sente um peso, assim, dele ser capido, digo, caído?
- SUZY : Você carrega muito peso?
- ISABEL : (Irritada) Bom, vocês não são o meu médico, não é? Essas coisas eu só digo pra ele. Eu acho que a enfermeira está me chamando. Deve ser a minha vez. Com licença. Té logo pra vocês.
- YVONAS : Tchau, Bela, querida, Adeusinho. Até outro dia.
- SUZY : Mas que mulher estranha, não é?
- BONECA : É, nervosa.
- HELO : Cafona, minhas filhas. Cafona. Verde amazônia! (Ri)
- SUZY : Também, mulher de dentista!
- BONECA : Classe C. Vai ver que adora Chacrinha.
- HELO : E dá chá pra demonstração de produtos de beleza. (Todas riem)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

A CARTA DE SÍLVIA

- HELO : (Repetindo) A carta, a carta, a carta de Sílvia...



ISABEL : (Lendo a carta) Estocolmo, 11 de setembro de 1973
Mãe, querido papai, querida Suzana.

Só agora, depois de um mês de Suécia é que tive tempo para escrever. Já estou instalada num apartamentinho pra estudante, meio fora da cidade, com um gramado na frente do edifício e um bosque e um lago mais adiante. O gramado está cheio de margaridas. A Suécia é muito limpa. Os suecos não são nem simpáticos nem antipáticos. Mas eu estou gostando daqui por enquanto. Hoje é domingo. De tarde. Eu estou sentada no meu quarto. Tem muito sol lá fora, e o sol chega até aqui dentro do quarto, até as minhas pernas. (Pausa)

Mãe, pai, Suzana, eu queria, pelo menos esta vez, falar pra vocês uma porção de coisas que eu nunca tive nem saco nem peito pra dizer. Eu não sei se volto. (Pausa) Tá. Agora eu já escrevi. Já saiu. Eu não sei se volto. Talvez eu devesse ter entrado no assunto aos pouquinhos, mas agora já está dito. E eu quero dizer também uma porção de outras coisas que eu não disse e menti e inventei histórias. Eu não sei, digo, estou estudando aqui. Eu inventei essa coisa de estudos. Eu me toquei pra cá na aventura. Juntei um dinheiro e, além disso, já peguei vários empregos aqui. Trabalhei de dama de companhia de senhoras idosas, de baby-sitter, de garçonnette. Trabalho durante uns meses, viajo ou me deixo ficar em algum lugar nos outros meses. Aqui na Suécia eu estou lavando pratos. Depois eu vou pra Grécia. Depois, não sei. Israel, Índia? Não sei. Tem tanto lugar pra gente ir...

Eu não sei se eu vou voltar. Disse de novo. Eu não sei se eu vou voltar. Por que? Porque eu não conseguia viver mais aí. Na minha casa eu não conseguia viver mais. Olhem pra mim aí há um ano atrás: Sílvia Íbia, 24 anos, trabalha numa agência de publicidade, carteira é identidade nº 358.930. Independente sexual e economicamente. Tem um caso com um rapaz que faz som e nunca tem grã, digo, grana. Não tem coragem de sair de casa e deixar os pais morrer na monotonia da TV. Qual era a minha chance, hei? Qual era a minha chance de sair desta? Me enchendo o saco no meu emprego com um bom salário, sem coragem de abandonar o emprego por causa de um salário. Os meus dois expedientes. Os meus duros e chatos dois expedientes. Como é que eu fui cair nesta? Mas eu não sei o que é que me deu na cuca um dia, que eu parei e perguntei: em quê, digo, que canoa estou embarcando? E a partir disso se criou um grilo dentro de mim. Um grilo dentro de mim. E desde então eu passei a ser infeliz. Eu não conseguia mais suportar o meu trabalho, eu não consegui mais suportar as pessoas que eu via todos os dias, eu não consegui suportar mais a mãe, colecionando prestações, eu não consegui suportar mais o pai, eternamente quieto e parado na sua poltrona. E eu não consegui suportar mais te ver, Suzana, irmaninha, tão perdi da e ninguém te entendendo e ninguém dando a mínima pra ti. E eu passei nos poucos a viver a vida de uma mansira mais eg, digo, exigente. É isso aí. Eu passei

COM CORTES



a exigir mais. E o problema é justamente esse : quanto mais exigente a gente é, , menos chance a gente tem de ficar satisfeito, não é ? Pois é. Talvez se eu tivesse continuado na que eu tava, eu seria bem mais tranqüila agora. Mas graças a Deus, graças a Deus, apesar dessa intranqüilidade toda, eu passei a exigir. Eu passei a exigir de mim e dos outros. E dos esqueminhas e dos esquemões em que eu estava metida. E é claro, nem eu, nem os outros, nem os esqueminhas nem os esquemões puderam satisfazer as minhas exigências. Enfim: tava tudo errado . O meu relacionamento com vocês, o meu trabalho, com os outros, com os meus amigos, com a pessoa que eu amo. Tava tudo errado. Por culpa minha, em parte. Mas não só por culpa minha. Esse papo de analista de dizer que é tudo grilo da gente ; que se a gente solucionar os grilos pessoais, vai estar tudo azul na América do Sul, isso é papo furado. Se tem tanto grilo pintando na cuca de todo o mundo - grilo inútil, grilo de marcação, grilo que não leva a nada - se tem tanto grilo assim na cuca das pessoas, pode crer, metade é por culpa delas, mas os outros 50% é por causa do mole compressor que tá comendo aí fora. É.A coisa avança-

O que eu tenho pra dizer pra vocês não é uma resposta, é uma pergunta. O negócio é o seguinte: o que é que a gente pode fazer pra solucionar pelo menos o que depende da gente? O que é que a gente pode fazer pra viver da maneira como a gente acha que se deve viver? O que é que se deve fazer pra que deixem a gente viver da maneira que a gente quer viver? Tem que mudar tudo. De baixo pra cima, de trás pra diante , de dentro pra fora. Todas as prateleiras tinham que ser renovadas. Descobrir uma outra maneira de pensar, e, conseqüentemente, descobrir uma nova maneira de agir. Em relação a tudo. É o que precisa.

Mas como fazer isso, meu Deus? ~~Dando porrada?~~ Apelando pra Astrologia, pro Zen, pra Macrô ? Deixando o barco correr e tentando conceder o menos possível ? Pactuando apenas o justo necessário pra ter a consciência mais ou menos tranqüila ? Mas se a gente pactua , o mínimo que se exige, a gente sofre o pacto. Também tem a alternativa da gente saltar fora. Mas isso é quase impossível. A gente fica pensando que tá fora, que tá noutra, que tá na sua, e não tá fora ~~porra~~ nenhuma. Tá dentro mesmo. E tá dentro da ~~porra~~

COM CORTES

Tem um outro negócio: e se eu largar o emprego amanhã, de que é que eu vou viver ? Acontece que eu fui acostumada a comer bem, a vestir bem, a ter meus livros, meus discos, a fazer programas, a ir a teatro e a cinema. Isso sem falar nos mil e um confortos de que a gente se cerca . Eu fui acostumada sempre com isso. Então, eu digo sinceramente : eu não tenho condições de passar sem isso. Eu não posso me obrigar, me forçar. Eu ia sofrer muito.

Vocês vão me dizer: só o que tu tens pra fazer é tentar viver dentro

COM CORTES



das limitações da maneira o mais tranqüila possível - , busque a solução individual e ~~para~~ pro mundo. Mas como? O problema são justamente as limitações. Como é que eu vou estar na minha, bem tranqüila, se eu estou a fim de fazer teatro, por exemplo eu estou sabendo que vai ter muito pouca gente escutando a gente. Tentar dizer as coisas que a gente quer dizer, sabendo que nem todo o mundo está a fim de ouvir ou que vão distorcer o que a gente vai dizer ou que não vão nem querer deixar que a gente fale. Então, se eu não posso dizer pras pessoas o que eu quero dizer porque as pessoas não me entendem ou não querem que eu diga, o que é que eu posso fazer? Como é que eu posso viver tranqüila e feliz? Então a gente ^{tem} que se mandar mesmo. Não que se mandar resolucione alguma coisa. Mas pelo menos como medida é higiene. Higiene cucal pra gente não morrer sufocado. Por causa do cheiro da Borregaard e de outros cheiros piores que andam por aí.

E tem outro papo ainda. Tem muita gente que foi e que voltou. O mano Casteno voltou, o Gil voltou, o Chico voltou. Só a Flrinda que ficou. - E. A Nara voltou. O Zé voltou. O Carlinhos voltou. O Fabretti voltou. - A Suzana voltou. A Graça voltou. A Kátia voltou. A Cecila voltou. O Luizar voltou. A Sandra voltou, mas já foi de novo. Vamos ver essa agora. - Táí. Eles foram, transaram paca lá fora e agora tão aí. Cada um que vai é uma esperança que a gente constrói cá dentro : ele vai voltar com alguma resposta, alguma chave, algum talismã. Mas eu sei lá o que vai pela cuca desta gente toda. Só sei que a gente não tem o direito de exigir nada deles. A barra tá muito pesada mesmo.

E depois tem outros grilos também. Hoje o Allende morreu. O Péron foi e voltou. A guerra do Viet Nam afinal acabou ou não acabou? E o Camboja e o Laos? Remember Tchecoslováquia. E os States -Watergate, -curados sexuais, Jane Fonda. Lá parece que é assim: comprime de um lado e estoura do outro. Irlanda, Oriente Médio, Grécia, Espanha e Portugal, E a China? Que baita grilo! Haiti, Nigéria, África do Sul... É isso aí...

Eu tou me fazendo a pergunta. Pergunta aquela que a gente fazia de brincadeira, como gozação da filosofia barata:

Onde estou? (Onde é que eu tou agora?) Quem sou eu? (O que é que eu sou agora?) Para onde vou? (Pra onde é que eu vou agora?) O que é que eu - fuço? Por quê? pra quê? Como? Pra onde? Beijos, Sílvia.

EPÍLOGO

- NARRADOR : Pa. FASE : O OUVIR . Ouça. Apenas ouça.
- ATOR 1 : Vamos ouvir
- ATOR 2 : Vamos sentar e ouvir.
- ATOR 3 : Vamos sentar e ouvir um poema.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



NARRADOR : Hoje desejo a paz do outono, a paz dos campos que se medita calma em tons de verde e como tal, a respirar colinas, não montanhas nem precipícios: o arfar apenas perceptível da folhagem; hoje me voto à paz, como antes me voltara à guerra: à paz-loucura, mansa, imensa e mestra, que não se faz razão, mas sublimar-se dela; e ao afinal essa loucura-paz um dia se habitar - sem grades porque livre; nem dor, nem sobressalto - ao deixarei ficar; estável como os arcos da ponte que se resta, enquanto o rio lhe passa.

2a. FASE : O FAZER. Faça, apenas faça. Aja, apenas aja.

ATOR 1 : Vamos desenrolar este cordão. Vamos desenrolar este papel.

ATOR 2 : Aqui tem cordão. Aqui tem papel. Aqui tem percevejos.

ATOR 3 : Vamos preencher o espaço com cordões e papel. Vamos enfeitar o espaço.

ATOR 4 : Vamos organizar o espaço. Vamos estruturar o espaço.

NARRADOR : 3a. Fase. O OLHAR. Olhe, apenas olhe. Veja, apenas veja.

ATOR 1 : Vamos agora olhar o espaço preenchido. Vamos andar pelo espaço organizado.

ATOR 2 : Vamos percorrer o espaço estrut., digo, estruturado. Vamos ver as diferentes maneiras de ver.

NARRADOR : 4a. FASE : O SER. Seja, apenas seja.

ATOR 1 : Vamos sentar no chão. Vamos descansar.

ATOR 2 : Vamos sentar no chão e descansar.

NARRADOR : Tome uma palavra. Uma palavra qualquer. Escolha uma palavra. Uma palavra qualquer, digo, qualquer. Escute uma palavra, - uma palavra qualquer dentro de você. Localize a palavra que você escolheu. Localize a palavra na sua testa, no seu rosto. Passeie a palavra pelo seu rosto, pela testa, olhos, pálpebras, nariz, boca. Passeie a palavra por um braço: pelo ombro, braço, cotovelo, antebraço, pulso, mão, palma da mão, dorso da mão, dedos. Passeie a palavra pelo outro braço: ombro etc. Passeie a palavra por uma perna: pela coxa, joelho, perna, tornozelo, pé, planta do pé, peito do pé, dedos. Passeie a palavra pela outra perna: coxa etc. Percorra a palavra pela sua coluna vertebral de baixo para cima. Lentamente. Pela coluna vertebral. De baixo para cima. Localize a palavra de novo na sua cabeça, no seu rosto, na testa. A palavra está na sua testa. Lentamente a palavra se dissolve na sua testa. Lentamente ela se dissolve na sua testa. Lentamente ela se dissolve. Lentamente ela se dissolve na sua testa. Lentamente se dissolve. Lentamente. Dissolve.

FIM

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 236.0242 - CEP 90070-025